

Oito anos em quatro: caindo do Real!

JORGE MADEIRA NOGUEIRA

Tudo indica que iremos experimentar a pior virada do século da história econômica do Brasil. Serão dois anos muito difíceis. O atual governo está sendo forçado, pela crise financeira internacional, a corrigir os erros de política econômica que se acumularam nos últimos quatro anos. Aliás, qual tem sido a "política econômica" desde janeiro de 1995? Ganha um doce quem conseguir lembrar alguma além das privatizações, da cansativa ladainha sobre a perfeição do Plano Real (sustentado com capital internacional de curto prazo, mas isso ninguém enfatizava) e das obras financeiras para os deputados e senadores que votaram na emenda da reeleição. Alguém poderia mencionar, também, o efeito positivo das inúmeras viagens do "presidente globalizado" sobre a receita das companhias aéreas e agências de viagem, mas isso seria um exagero.

Apesar dos desmentidos, a equipe econômica está caindo na (do) Real e resolveu que a casa deve ser colocada em ordem, custe o que custar. Boatos sugerem aumentos de receita

e cortes de despesas públicas, buscando o tão desejado equilíbrio das contas do governo. Só assim, eliminando-se o déficit público, as autoridades acreditam que "salvarão" o Real, ou aquilo que resta dele. Transmitem a impressão de esquecimento do outro desequilíbrio que tem feito com que o Brasil não consiga retomar um ritmo adequado de crescimento econômico. Refiro-me em transações correntes, próximo dos 35 bilhões de dólares por ano.

A relações direta e instantânea entre restabelecimento do equilíbrio das contas públicas e o do setor externo é mais ficção jornalística do que teoria econômica. A experiência brasileira da década de 80 já deixou isso claro. Assim, é essencial que as medidas a serem anunciadas nos próximos dias envolvam ações que tenham impactos sobre as contas públicas e ações voltadas para a melhoria da balança comercial (exportações e importações) e da balança de serviços (viagens internacionais, frete, seguro, etc). Em particular, o programa de ajuste precisa deixar claro o tratamento a ser dado à política cambial. Simplesmente repetir que "ela não muda" será total-

mente insuficiente para um governo que perdeu sua credibilidade junto ao "mercado".

Para que o sacrifício - aumento de impostos, recessão, desemprego, queda da renda real - não seja em vão, as medidas visando reduzir o desequilíbrio interno devem vir acompanhadas de medidas que tenham efeito de curto prazo sobre o desequilíbrio externo. Credor internacional, seja público ou privado, está preocupado se o devedor terá capacidade de gerar dólares para pagar sua dívida no futuro. O Presidente tem um capital político respeitável, gerado por 36 milhões de votos. Não obstante, ele também deve lembrar que 64 milhões de brasileiros não lhe deram um "cheque em branco", votando em outros, anulando o voto ou simplesmente não votando. Todos aguardam, ansiosos, o dia em que este país possa novamente tentar "cinquenta anos em cinco" e suplantará a mediocridade de se fazer em oito anos aquilo que poderia ter sido feito em apenas quatro.

Jorge Madeira Nogueira é professor do Departamento de Economia da Universidade de Brasília (UnB)